

NA DISPUTA POR UMA VAGA: Empresas passaram a exigir segundo grau em vão

Desemprego atingiu mais trabalhador com ensino médio nas metrópoles

Entre empregados urbanos, taxa subiu de 12% para 16,7% de 92 a 2001

Luciana Rodrigues
e Flávia Oliveira

• Operário, morador de uma grande cidade, se esforça para completar o ensino médio. E não consegue trabalho. A explosão do desemprego nos últimos anos foi um fenômeno tipicamente das metrópoles. E atingiu em cheio os trabalhadores com segundo grau completo ou incompleto. Estudo do economista Waldir Quadros, da Unicamp, mostra que, entre 1992 e 2001, o desemprego saltou de 8,6% para 12,1% da população brasileira. No grupo de pessoas que Quadros classificou como a massa trabalhadora urbana (baixa classe média, operários, autônomos e domésticas), a taxa de desemprego disparou: de 12% para 16,7%.

De 2001 para cá situação só fez se agravar

O estudo usa os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, cujo último levantamento publicado é de 2001. Mas Quadros garante que, do ano passado para cá, o desemprego nessa camada da sociedade só agravou.

— É a parcela da população considerada de maior risco social. Não é à toa que houve um aumento da violência urbana no período — diz Quadros.

O desemprego é mais intenso também entre os trabalhadores com nível de instrução

Quem foi mais afetado pelo desemprego



Por tipo de ocupação

	1992	2001
Massa trabalhadora urbana (baixa classe média, operários, autônomos e domésticas)	12%	16,7%
Classe média, donos de pequenos negócios, autônomos de nível médio	7,9%	10%
Empresários e alta classe média	5,9%	6,8%
Massa trabalhadora agrícola	3%	4,6%
TOTAL	8,6%	12,1%



Por nível de escolaridade, em 2001

	1º grau completo ou incompleto	2º grau completo ou incompleto	3º grau completo ou incompleto
Empresários e alta classe média	5,8%	8,7%	5,9%
Classe média	8,3%	12,4%	9,5%
Massa trabalhadora urbana	15,4%	20,6%	13,9%
Massa trabalhadora agrícola	3,9%	15,4%	11,7%
TOTAL	11,1%	16,1%	8,3%



O comportamento da renda* (em R\$)

	1992	2001
1º grau completo ou incompleto	344	410
2º grau completo ou incompleto	761	715
3º grau completo ou incompleto	1.907	2.109

FONTE: Pesquisa do professor Waldir Quadros, com base nos dados da Pnad

*Em valores de janeiro de 2003, corrigidos pelo INPC, com a metodologia do Ipeadata

médio. Em 2001, 16,1% das pessoas com segundo grau completo ou incompleto estavam desempregadas. Entre os que têm primeiro grau (completo ou incompleto), a taxa era de 11,1%. E apenas 8,3% dos trabalhadores que chegaram a frequentar a universidade estavam desempregados.

— As empresas passaram a exigir o segundo grau, os trabalhadores se qualificaram, mas não há emprego. Acreditaram na história de que é preciso estudar para conseguir tra-

balhar e isso não é verdade. Enquanto não houver crescimento, não há emprego — afirma Quadros — Isso é uma panela de pressão, porque cria uma frustração enorme na massa trabalhadora urbana.

O economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), chama a atenção para a situação dos jovens, especialmente nas metrópoles. Segundo ele, na faixa etária de 16 a 24 anos, quatro em cada dez jovens desempregados vivem em áreas metropolitanas:

— A situação dos jovens é muito séria, principalmente porque são eles os mais associados ao aumento da violência. Mas tenho dúvidas de que o melhor caminho seja subsidiar a oferta de emprego.

Neri sugere que o governo ofereça uma espécie de Bolsa-Escola aos jovens que estudam em vez de incentivo fiscal para empresas que contratá-los. Assim, aumentaria a qualidade da mão-de-obra futura e eliminaria o efeito de aumentar o desemprego dos adultos. ■